

CONFLUÊNCIAS DA POESIA MARGINAL COM A GERAÇÃO COXIPÓ, OS INDEPENDENTES DO RECIFE E O COLETIVO UNPOEMA NO ARAGUAIA

CONFLUENCES OF MARGINAL POETRY WITH THE COXIPÓ GENERATION, THE INDEPENDENTS OF RECIFE AND THE UNPOEMA COLLECTIVE IN ARAGUAIA

Paulo Wagner¹

Recebimento do Texto: 10/02/2025

Data de Aceite: 06/03/2025

Resumo: O movimento da Poesia Marginal não foi exclusivo do eixo Rio-São Paulo, pois ganhou configurações peculiares em outras cidades do país. Utilizando uma perspectiva decolonial analisamos como os Escritores Independentes do Recife, a geração Coxipó em Cuiabá e o coletivo UnPoema na região Araguaia dialogam com o fenômeno da Poesia Marginal, ao darem vasão à produção de escritores e artistas inovadores que não aceitaram o silenciamento imposto por uma historiografia literária fundamentada num cânone segregador e num modelo de produção editorial que sempre invisibilizou as produções independentes e periféricas ocorridas fora do eixo cultural hegemônico do país.

Palavras-chave: Wanderley Wasconcelos. Poesia Marginal. Cânone.

Abstract: The Marginal Poetry movement was not exclusive to the Rio-São Paulo axis, as it gained peculiar configurations in other cities in the country. Using a decolonial perspective, we analyze how the Independent Writers of Recife, the Coxipó generation in Cuiabá and the un Poema collective in the Araguaia region dialogue with the phenomenon of Marginal Poetry, by giving vent to the production of innovative writers and artists who did not accept the silencing imposed by a literary historiography based on a segregating canon and a model of editorial production that has always made independent and peripheral productions that took place outside the country's hegemonic cultural axis invisible.

Keywords: Wanderley Wasconcelos. Marginal Poetry. Canon.

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso. Mestrado em Estudos de Linguagem e Literatura pela Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) da Universidade Estadual de Mato Grosso; Professor, pesquisador e ensaísta na área de Literatura Comparada, Poesia Contemporânea, Memória e Sociedade- E-mail: paulo.wagner1@unemat.br

Introdução

Os Estudos Culturais e Pós-coloniais provocaram um descentramento epistêmico, capaz de reacender no âmago da história cultural contemporânea o debate de temas fundamentais. Como as questões de gênero e etnicidade, a construção imaginária das identidades nacionais, a representação dos sujeitos subalternos e as consequências dos discursos essencialistas de modernização que atualizam o processo de dominação colonial nos países do Terceiro Mundo.

As ciências sociais ganharam com o surgimento dos Estudos Culturais e Pós-coloniais um alargamento das possibilidades de abordagem dos objetos culturais e artísticos. A própria concepção do *o* é considerado ou não um texto ou um gênero literário foi ampliada, com a inserção de obras e autores que seriam proscritos ou relegados por uma concepção eurocêntrica e hierarquizada que críticos, como Harold Bloom, chamam de “Grande Literatura”. De acordo com o Professor e Pesquisador Miguel Nenevé, “Precisamos dos estudos pós-coloniais para imaginar uma sociedade com menos disparidades e desequilíbrios. Poderíamos dizer que o pós-colonial alude também a uma postura de certa forma subversiva em relação ao cânon” (Nenevé, 2016, p.4).

A utilização de novos parâmetros de estudo para literatura possibilitou a superação de um modelo de abordagens meramente formalista e interno da obra. A valorização do aspecto discursivo do texto e as relações que este possui com o contexto de produção deram visibilidade a escritoras e escritores situados às margens do cânone hegemônico. Autores que passaram a reivindicar igualdade de espaço e a inserção de novas cartografias culturais e discursivas à historiografia literária brasileira e mundial.

Esta mudança epistêmica que se intensificou nas últimas quatro décadas, tem revelado a existências de sujeitos sociais que passaram a desestabilizar com suas obras os conceitos hierarquizantes do purismo e da tradição estética. O olhar trazido pelas teorias pós-coloniais sobre a produção literárias do presente e do passado, “acentua a suas bases no descentramento e na pluralidade, por meio da transformação da condição marginal na fonte de sua criação” (Nenevé, 2006, p.5). Possibilitando, desta maneira, a descolonização e o questionamento de um cânone literário notadamente centralizador e linear.

O fenômeno literário denominado de Poesia Marginal e as produções periféricas que se proliferaram a partir da década de 70 no Brasil, apesar de não serem reconhecidos como um movimento literário coeso e com lugar no panteão dos movimentos de vanguarda e renovação da literatura brasileira alcançado pelo Modernismo, a Poesia Concreta e o Poema Processo, representaram, também, uma ruptura em relação ao cânone e o modo de produzir e veicular literatura no Brasil.

Parte desta falta de reconhecimento dado a Poesia Marginal e as produções independentes e periféricas que eclodiram fora do eixo Rio-São Paulo, no mesmo período, se deve a postura cultural inovadora assumida por seus escritores, como a dessacralização do fazer literário e a derrubada total das fronteiras entre o que se denominou de baixa e alta cultura, entre a linguagem coloquial e a erudita. E, também, pela presença de uma avalanche criativa híbrida e irreverente com traços da contracultura, do desbunde, do tropicalismo e de uma verdadeira “geleia geral” de influências.

Entre estas influências estão, também, os descentramentos provocados pelas teorias pós-estruturalistas e os movimentos sociais e políticos que eclodiram no ocidente em 1968. Descentramentos que colocaram em discussão a biopolítica e as questões de gênero e raça, a adequação da economia brasileira a uma etapa de dependência e integração ao capital monopolista, o desencanto com as propostas de revolução socialistas, a crítica à sociedade de consumo e a coisificação do homem, entre outros temas que influenciaram o discurso literário.

No trabalho de análise da produção cultural que renovou a poesia brasileira em pleno período de ditadura militar, temos que levar em conta a pluralidade e o hibridismo que marcaram estas produções, os diferentes contextos culturais onde ocorreram e os pontos de interseção que aproximam as obras e autores que contribuíram para o surgimento deste fenômeno literário. Neste contexto, não podemos esquecer que o modo alternativo, independente e marginal de fazer e divulgar poesia foi além da produção registrada no círculo cosmopolita do eixo Rio-São Paulo.

Segundo a professora e pesquisadora de Literatura Maria Elizabete Sanches, que estuda o MEIP-Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco, a antologia *Poesia Jovem dos Anos 70* (1982), livro com seleção

de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico de Heloísa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder Pereira, “fez pouca referência a produção nordestina da época e ficou devendo uma avaliação mais abrangente e crítica dessa produção” (Sanhes, 2015, p.45). Por este motivo, a citada antologia foi duramente criticada em entrevista que Eduardo Martins e Francisco Espinhara, escritores do núcleo embrionário do MEIP, concederam ao Jornalista Alberto da Cunha Melo, no caderno de cultura do Jornal do Comércio de Pernambuco, em edição de 16 de janeiro de 1983. Para Martins, a publicação *Poesia Jovem dos Anos 70* ignorou, no trabalho de seleção dos poemas e nos estudos críticos apresentados, a efervescência literária e cultural semelhante que ocorria, no mesmo período, em outras cidades e regiões do país.

Apesar de ainda não ter alcançado o devido reconhecimento que merece na historiografia literária brasileira, com a inserção de obras e escritores relevantes. Podemos afirmar que o grande legado da Poesia Marginal, do Cordel Urbano e dos Movimentos Independentes que buscavam inovar o modo de produzir e divulgar literatura no País, foi o fato criarem, em pleno período de ditadura militar, uma válvula de escape para suas produções. Dando voz a toda uma geração formada por escritores sem espaço editorial e distante dos centros hegemônicos de produção literária e das instituições de consagração canônica.

Foi munida com livros mimeografados, fanzines em xerox, jornais e revistas impressas em antigas tipografias e raríssimas em offset, que uma geração formada principalmente por jovens escritores redescobriu a palavra e, de maneira lúdica e resistente, trouxeram a poesia para as ruas e o debate público, libertando-a de seu castelo de marfim. Uma produção que chegou ao público na forma de recitais, performances e livros que passaram a circular de mão em mão, em bares, portas de teatros e outros espaços. Três exemplos icônicos deste movimento literário, ocorrido em cidades distantes umas das outras no País, foram protagonizados pelos Escritores Independentes do Recife, pela chamada geração Coxipó em Cuiabá e pelo poeta Wanderley Wasconcelos na região Araguaia em Mato Grosso.

Segundo Maria Elizabete Sanches, o MEIP-Movimento dos Escritores Independentes de Pernambuco que revelou, entre outros escritores, nomes de peso como Francisco Espinhara, Cida Pedrosa, Eduardo Martins, Héctor Pellizzi,

Fátima Ferreira, Dione Barreto e Geni Vieira, fez das ruas do Recife e Olinda e, dos hidrantes em frente às lojas do centro da capital pernambucana, o palco ideal para recitais e circulação de poesia.

Eles estavam em todos os cantos e recantos, mas centralizavam na Praça do Sebo, na Rua da Roda, seus lançamentos coletivos e, na Síntese, na Rua da Riachuelo, com o apoio e a generosidade da livreira Sueli, seus lançamentos individuais. Também em Olinda, na praça da preguiça, no Bar atlântico, se estendiam os varais de poesia e os recitais durante as noites de fim de semana (Sanches, 2015, p.32)

Em pleno período da ditadura o MEIP representou um movimento de renovação estética, que ultrapassou as fronteiras da própria literatura enquanto forma de expressão artística, para levar com o corpo, a voz, a encenação performática e uma verdadeira avalanche de publicações, poesia de qualidade para ruas, praças e pontes da região metropolitana do Recife, completando de forma inovadora a articulação triádica destacada por Antônio Cândido entre autor-obra-público. O MEIP traduziu de maneira exemplar “a expressão coletiva da indignação do país frente a todas as formas de cerceamento, padronização e rotulação em termos políticos e literários (...) que buscavam subjugar os nossos valores e a nossa cultura” (Sanches, 2015, p.79).

O legado dos Independente transcendeu as fronteiras de Pernambuco, proporcionou o descentramento de um conceito estanque de literatura, revelou autores extraordinários que, até então, se encontravam condenados ao esquecimento. O MEIP rompeu, principalmente, os círculos culturais restritos e elitistas que perpetuavam, na capital pernambucana, um modo tradicional de fazer literatura profundamente desconectado da realidade e do coletivo. Um Legado que reforça a afirmativa de Cornejo Polar, que “a literatura é produção social, parte integrante de uma realidade e de uma história nunca neutras” (Polar, 2000, p. 20). O movimento dos Independentes do Recife também possui pontos de convergência com o momento cultural ocorrido em outras cidades do País, fora do eixo hegemônico Rio-São Paulo.

De acordo com o escritor e pesquisador Eduardo Mahon, o espírito de renovação literária e a insurgência artística que eclodiu após os anos 70,

também desembarcou em terras mato-grossenses, influenciando o surgimento da chamada Geração Coxipó, no início da década de 80, na cidade de Cuiabá. O Grupo era composto por atores, músicos e escritores que habitavam o universo periférico e “contracultural” cuiabano que nasceu nas ruas e bares do entorno da UFMT, localidade denominada pelos artistas de Baixo Coxipó. E, assim, como em outras regiões do País, as primeiras manifestações literárias deste movimento, além dos recitais performáticos, “foram veiculadas por meios não convencionais como varais, panfletos, toalhas de papel que recobriam mesas de bares e libretos fotocopiados vendidos de folha a folha” (Mahon, 2021, p.166).

Mahon relata que em 1986, durante a *10ª edição do Salão Jovem Arte*, um grupo de jovens intelectuais que se identificou apenas como *Geração Coxipó*, “distribuiu um manifesto irreverente de oposição à estética regional primitivista, além de denunciar outras questões ligadas à cultura mato-grossense” (Mahon, 2021, P.155).

Uma palavra de destaque no citado manifesto da Geração Coxipó foi “resistência”, na forma de reação política contra o processo pós-colonial e o modelo desenvolvimentista que trouxe para Mato Grosso o fluxo migratório sulista, acompanhado pelo agronegócio e suas consequências como o desmatamento da amazônia, o morticínio de indígenas e o divisionismo de Mato Grosso. O manifesto demonstrou, também, “a união desta tribo que se ligava pelos interesses comuns de fluir literatura e música, arte e dramaturgia” (Mahon, 2015, p.157).

Do ponto de vista estético e literário, a Geração Coxipó aprofundou o rompimento com a tradição canônica local, ligada às oligarquias políticas e a manutenção do poder dominante. Ao assumir deliberadamente uma postura irônica, lúdica e transgressora em suas criações, tanto do ponto de vista formal, quanto do enunciativo, os jovens escritores desnudaram as mazelas sociais locais e provocaram o alargamento de um fazer periférico, que “não era o fisicamente distante, mas o não integrado, não reconhecido, não hegemônico, não central”. Segundo Mahon, “O crescimento da periferia literária que já havia começado com Lobivar Matos, Wladimir Dias-Pino, Ricardo Guilherme Dick, Tereza Albués, Marilza Ribeiro-, prosseguiu com mais contundência entre os mais jovens” (Mahon, 2015, 170).

Em um segundo momento, o legado literário da Geração Coxipo que era

veiculado por intermédio de publicações alternativas, foi canalizado em periódicos como o *Saco de Gatos*, as revistas *Vôte!*, *Estação Leitura* e *Fagulas*. Revelando autores importantes como Antônio Sodré, Eduardo Ferreira, Cristina Campos, Toninho de Souza, Juliano Moreno, Ivens Cuaibano Scaff, Aclyse de Matos, Amauri Lobo, Luis Renato, Marta Cocco, entre outros escritores e escritoras. Em sua maioria poetas e poetisas irreverentes, frutos da mesma geração que desafiou padrões arcaicos de criação, produção e veiculação cultural para desenhar com suas obras contemporâneas a nova cartografia literária do País.

No mesma época da Geração Coxipó e dos Independentes do Recife a literatura com características da Poesia Marginal e Independente ganhou ecos na Região Araguaia em Mato Grosso, especificamente em Barra do Garças, pelas mãos do poeta Wanderley Wasconcelos que começou a publicar seus primeiros livros em pequenas tiragens custeadas pelo próprio autor, edições com características quase artesanais quando comparadas com o formato utilizado pelas grandes editoras. Um processo em que a participação do escritor nas diversas etapas da produção e distribuição do livro, termina por criar o que Heloísa Buarque de Hollanda chama de um produto gráfico integrado, cuja “participação do autor no ato da venda de certa forma recupera para a literatura o sentido de relação humana (Hollanda, 2007, p.11).

Nas publicações independentes de Wandereley Wasconcelos se destacam os livros *Aboio: Causos da vida posseira* e *Viagem nua*. Na epígrafe de *Viagem Nua* encontramos a frase que denota a consciência de um fazer literário situado à margem da produção canônica: “Minha poesia é resultado de exercícios caligráficos, feitos a margem de tudo...”. O poema “Jornalistas” (Wasconcelos, 2012, p.11), que abre a sequência do segundo livro mencionado, expressa a necessidade de resistência do eu lírico frente um sistema literário e editorial excludente: “Chega de lama/ afaste o drama. / Rabisque o texto/ por vil pretexto. / Dane-se o esquema/ plante um poema”.

Além do caráter artesanal das edições, outro aspecto que liga a poesia de Wasconcelos ao citado fenômeno literário é a aproximação com aquilo que Heloísa Buarque chama de “recuo estratégico para o modernismo de 22”, em especial no que se refere “a incorporação poética do coloquial como fator de inovação e ruptura com o discurso nobre acadêmico” (Hollanda, 2007, p. 11).

Essa incorporação funciona, desde Oswald de Andrade, como procedimento artístico que absorve situações e sentimentos vividos pelo artista no processo de elaboração da obra, conferindo-lhe um caráter de momentaneidade.

Esse coloquialismo aparece em alguns poemas de Wanderley Wasconcelos, como exemplo podemos citar “Aboio Arqueiro” (1999, p.29) que traz na última estrofe os seguintes versos: “Uma labigó diz sim para o seu tédio / no momento em que rascunha / para não ferir o cu com a unha”. O uso do baixo calão nos versos de Wasconcelos e de outros poetas e poetisas da mesma geração, nem sempre resulta num efeito de choque, mas funciona, muitas vezes, como dialeto cotidiano naturalizado e, não raro, como desfecho lírico.

É importante destacar que este coloquialismo e um certo lirismos irônico presentes em Wasconcelos e nos poetas contemporâneos do MEIP e da Geração Coxipó, não afasta destas produções literárias a influência de autores da tradição modernista como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto. Autores cujas produções denotam preocupação estética e estilística, ao mesmo tempo em que trazem reflexões elaboradas sobre problemas sociais e existenciais que envolvem a condição humana, ultrapassando o imediatismo criativo, “o *flash* cotidiano” (Hollanda, 2007, p.11) e a tendência ao poema piada, que predominou sobre a elaboração literária em parte considerável da poesia marginal produzida no eixo Rio-São Paulo.

Este caráter reflexivo sobre a realidade social e humana, sobre o momento histórico que circundou e foi utilizado como substrato para as produções literária do MEIP, da Geração Coxipó e do poeta Wanderley Wasconcelos recria uma historicidade “periférica”, feita de enunciados que se contrapõem à narrativa central da modernidade, prática que busca invisibilizar o modo de vida da parcela socioeconomicamente vulnerável da população, a coisificação do ser humano, a violência e a exclusão imposta a grupos minoritários e subalternos. No poema *Geografia do Mal* (1985, p.10) de Eduardo Martins, um dos expoente do MEIP, o eu lírico utiliza elementos referenciais da paisagem metropolitana do Recife para expressar suas angústias e inquietações, sua realidade interior e exterior cercada de males e limitações.

GEOGRAFIA O MAL

Recife, diluidora
Dos meus sonhos,
Tens água suficiente
para afogar-me.

Tuas lâminas de vento
Ensaiam o corte
De minhas Pontes.

Em ti, sou ilha,
Cercado de males
Por todos os lados

Na poética de Wanderley as reflexões críticas, recriadas a partir de dados sócio-históricos, se manifestam pela presença de um eu lírico com traços autobiográficos do autor, personagem que projeta no discurso literário uma conotação de testemunho e pertencimento a uma comunidade de posseiros que ocuparam terras devolutas na região Araguaia. Tempo marcado por conflitos agrários que culminaram com a desterritorialização de migrantes, em sua maioria sertanejos nordestinos que começaram a ocupar os sertões da região centro-oeste de Mato Grosso, em meados do século passado.

No poema *As Sementes da Gleba* de Wanderlei Wasconcelos (2014, p.81), é possível verificar a tentativa de reconstrução afetiva de um passado marcado por um modo de vida telúrico e autossuficiente, uma identidade atingida negativamente por determinismos sociais que impuseram ao eu lírico consequências individuais e sociais como o trauma, o êxodo rural e o subemprego.

Sementes da Gleba

Parte de minha infância deixei na gleba.
Ali plantei árvores, colhi sementeiras,
ordenhei uma dezena de vacas
e criei porcos com meu pai goiano.

Apesar do subemprego
ainda me sobra tempo para o sonho.
Fecho os olhos
e nossa gleba vive.

Se eu fosse funcionário público
mandava botar um retrato
desse passado na parede.

Neste tempo não sou nada,
mas planto bombas no jardim.

Como pudemos observar, a literatura produzida por escritores da Poesia Marginal e Independente, por escritores que divulgaram suas obras em locais distantes do eixo centralizador e prestigiado de desenvolvimento cultural do Brasil, dá voz e tira do esquecimento a experiência humana vivenciada por populações e minorias historicamente silenciadas. Uma poética que emerge como elemento de denúncia da permanência do processo ocidental de colonização imposto às regiões periféricas do País. Uma literatura que se manifesta como reação desestabilizadora dos discursos ideológicos e das formas de imposição desenvolvimentista da modernidade.

Um Modelo de atualização colonial que ganhou novas matizes e se intensificou nas décadas de 70 e 80 dos anos de Ditadura Militar no Brasil, tempo marcado pela tentativa de naturalizar o desenvolvimento irregular vivenciado em regiões urbanas e rurais do País, tempo marcado pela tentativa de apagamento das histórias diferenciadas de comunidades, minorias e populações impactadas pelo modelo hegemônico de dominação capitalista.

Edward Said afirma que mesmo que os escritores não sejam mecanicamente determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica, estes estão profundamente ligados à história de suas sociedades. Podendo, assim, moldar ou ser moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus (Said, 2011, p.24). Podendo revelar, como é o caso do MEIP, da Geração Coxipó e do poeta Wanderley Wasconcelos, um tempo histórico distinto que transgredir a história oficial instrumentalizada. Possibilitando o que Walter Benjamin chamou de “escovar a História a contrapelo” (Benjamin, 1996, p. 225), ou seja “ir contra a corrente da versão oficial da história, opondo-lhe a tradição, os saberes e o modo de vida dos oprimidos” e a afirmação de uma identidade excluída.

Podemos afirmar que o posicionamento de resistência frente à exclusão cultural e literária, perpetuada externa e internamente no País, bem como, o

rompimento da bolha da censura imposta pelo regime militar caracterizou esta geração de poetas e poetisas. Geração que, até hoje, insiste em revelar a presença de outras cartografias e saberes culturais. Instigando, desta maneira, o conhecimento e a interpretação de narrativas e realidades que a construção imaginária de um ocidente civilizador, produtor de desigualdades, violência e binarismos excludentes, tenta apagar.

O movimento de Poesia Marginal e Independente criado por artistas provenientes de regiões periféricas e setores marginalizados da cultura brasileira, criado por escritores e escritoras que não aceitaram o silenciamento imposto por uma historiografia literária fundamentada num cânone ocidentalizado e segregador, trouxe questionamentos que abalaram os alicerces desta historiografia oficial. Um Campo de estudos cujos paradigmas, devido ao surgimento dos Estudos Culturais e Pós-coloniais, tem passado por uma revisão epistêmica e metodológica de suas fronteiras críticas de análise. Bem como, pela necessidade de validação e reconhecimento da existência de um corpus maior a ser abordado, reconhecimento da presença de literaturas ao invés de uma literatura única metropolitana e centralizadora.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única.** Obras Escolhidas II. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura,** Belo Horizonte Editora UFMG, 1998.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental: Os livros e a Escola do Tempo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HALL, Stuart. **O Ocidente e o Resto: discurso e poder.** In: Formations of Modernity. Tradução: Carla D'Elia. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 314-361, Mai.-Ago. 2016.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **26 poetas hoje.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2007.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Impressões de viagem**: CPC, Vanguarda e Desbunde: 1960/1970). São Paulo, 1981.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). **Poesia jovem anos 70**. São Paulo: Abril Educação, 1982.

MAHON, Eduardo. **A Literatura contemporânea em Mato Grosso**. Cuiabá-MT: Carlini&Caniato Editorial, 2021.

MARTINS, Eduardo. **Eczema no lírico**. Recife-PE, 1985.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Pós-colonialismos: promovendo diálogos**. In: **Pós-colonialismo: uma leitura política dos textos literários**. São Carlos: Editora Scienza, 2016.

POLAR, Antonio Cornejo. **O condor coa: literatura e cultura na América Latina**. Organização de Mario Valdés. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

SANCHES, Maria Elizabete, **À memória dos esquecidos: História e produção do MEIP**. Tese de Mestrado. Porto Velho: Programa de Pós-graduação em Letras, UNIR.

WASCONCELOS, Wanderley. **Aboio (causos da vida posseira)**. Vila Velha, ES: Opção Editora, 2014.

WASCONCELOS, Wanderley. **Viagem Nua**. Vila Velha, ES: Opção Editora, 2012.

WASCONCELOS, Wanderley. **Cordel sem viola**. Vila Velha, ES: Opção Editora, 2012.

WASCONCELOS, Wanderley. **Noites no Retiro**. Vila Velha, ES: Opção Editora, 2024.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seu autor.